

## O Rio-Paris barato – crônicas de uma cidade de deslocamentos

CELI SILVA GOMES DE FREITAS\*

*- Quando a portuguesa Gertrudes, que “vivia” com o italiano Giuseppe, um amolador ambulante, apresentou Adélia sua filha, à sublimada competência do doutor Castrioto, do dispensário, a criança era só um olhar. (...) O doutor melhorou-a muito; mas, assim mesmo, até a puberdade, foi-lhe o corpo um frangalho e o olhar sempre o mesmo, a ver caravelas ao longe que a viessem buscar para países felizes. (Lima Barreto)*

A modernização da cidade-capital da República pela reforma Pereira Passos, a criação da *Belle Époque Tropical*, os efeitos da Primeira Guerra Mundial, a demonização dos imigrantes pobres, o silenciamento sobre o espaço dos negros recém-desescravizados na formação da nacionalidade brasileira, os movimentos de emancipação das mulheres, as lutas dos trabalhadores por direitos à cidadania, enfim, o acirramento dos contrastes e dos confrontos sociais no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro... são temas que interessam à pesquisa sobre os processos de transformação da sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX. Em todas essas mudanças, os imigrantes assumiram papéis diversos, fizeram história e se tornaram personagens de histórias relatadas em inúmeros artigos e crônicas, dos quais selecionamos alguns, escritos por Lima Barreto (1881-1922), para se constituírem em *corpus* documental de estudo dos processos e experiências de deslocamentos relacionados à (i)imigração na vida social brasileira, em especial na cidade do Rio de Janeiro.

Na posição de “intelectual-negro” (FREITAS, 2008:88), lá estava o “carioca da gema” Afonso Henriques de Lima Barreto, não apenas enxergando a superposição de novas e velhas contradições na sua cidade natal, mas sobretudo revelando-se um dos literatos que mais fizeram a crítica da nova ordem republicana. Aqui nascido, raras vezes se afastou Lima Barreto do Rio, e o mesmo se deu com seus amigos, camaradas, ou colegas: “Aqui vivíamos enjaulados num sempiterno quadrilátero: avenida, Ouvidor,

---

\* Doutora - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Uruguaiana, São José, de dia. Ao cair da tarde, o Largo de São Francisco, as petisqueiras. À noite, a Lapa.” (SANTOS, 1961: 9). Os limites da Cidade Velha, região por onde a boemia intelectual circulava, estão aí postos; Lima Barreto e seus amigos, como Antônio Noronha Santos, viveram quase todo o tempo na cidade do Rio de Janeiro, dela afastando-se muito pouco e, por conseguinte, mantendo com ela uma relação de profunda intimidade.

A “era das demolições” representou para o Rio de Janeiro a busca de superação efetiva das marcas da cidade colonial-escravista, e o início de sua transformação em espaço adequado às exigências da modernidade desejada pelo pensamento político hegemônico. Assim, o “bota-abaixo” do prefeito Pereira Passos resultou, muitas vezes, em um processo de apagamento “dos anais de pedra que conta[va]m a sua [da cidade do Rio de Janeiro] história” (BARRETO, 1911/1961:85), como o convento da Ajuda, que fora construído em meados do século XVIII na atual Cinelândia para ser demolido quase dois séculos depois e dar lugar a “um grande edifício, moderno, para hotel, com dez andares” (BARRETO, 1911/1961:83). Lima Barreto percebeu o mal-estar que a chegada da modernidade republicana acarretava para alguns, e, ao mesmo tempo, não descuidou de se referir ao outro mal-estar que o passado escravocrata obrigava a lembrar:

*Repito: não gosto do passado. Não é pelo passado em si; é pelo veneno que ele deposita em forma de preconceitos, (...) ainda são as coisas da fazenda, com senzalas, sinhás moças e mucamas (...) ainda é, portanto, o passado, daqui, dali, dacolá, que governa (...) É por isso que eu não gosto do passado; (...) Quando, entretanto, eu me faço cidadão da minha cidade não posso deixar de querer de pé os atestados de sua vida anterior, as suas igrejas feias e os seus conventos hediondos. (BARRETO, 1911/1961: 85-86)*

Na citação acima, da crônica “O convento”, de 1911, publicada no volume *Bagatelas* das Obras de Lima Barreto, a defesa da preservação da história da cidade sobrepôs-se ao debate acerca da complexidade das relações entre o antigo e o moderno, o feio e o bonito. “O Rio civiliza-se” (BARRETO, 1915/1956: 83), escreveu Barreto em outra crônica, “A Volta”, publicada originalmente no *Correio da Noite* em 26-1-1915, para recolocar em cena os africanos, imigrantes pioneiros trazidos compulsoriamente para se tornarem escravos, e seus descendentes:

*A obsessão de Buenos Aires sempre nos perturbou o julgamento das coisas.*

*A grande cidade do Prata tem um milhão de habitantes; a capital argentina tem longas ruas retas; a capital argentina não tem pretos; portanto, meus senhores, o Rio de Janeiro, cortado de montanhas, deve ter largas ruas retas; o Rio de Janeiro, num país de três ou quatro grandes*

*ciudades, precisa ter um milhão; o Rio de Janeiro, capital de um país que recebeu durante quase três séculos milhões de pretos, não deve ter pretos. (BARRETO, 1915/1956: 82-83)*

Podemos observar que Lima Barreto buscou alargar o campo de análise, interligando uma questão fundamental de identidade nacional à da submissão a modelos da ordem internacional. A memória da escravidão africana, e ainda mais, a da longa duração do tráfico negreiro, foi trazida de forma contundente e colocada lado a lado com as marcas do novo e desejável espaço urbano em construção. A crítica explícita à modernidade importada se fez pela estratégia discursiva da ironia, dominante no discurso barretiano: “Esse furor demolidor vem dos forasteiros, dos adventícios, que querem um Rio-Paris barato ou mesmo Buenos Aires de tostão” (BARRETO, 1911/1961: 86) – refletiu Lima Barreto, contrapondo à expressão “*belle époque tropical*”, consagrada para representar o modelo vencedor, duas outras, “Rio-Paris barato” e “Buenos Aires de tostão”. Como efeito de sentido de maior interesse para nossa análise, podemos destacar a inversão de perspectiva, que transformou o que antes era positivo em “*belle époque tropical*”, em expressões com conotação negativa pelo uso de “barato” e “de tostão” para qualificar a nossa modernidade republicana de inspiração “adventícia” e “forasteira”. Ao mesmo tempo em que combatia a influência “adventícia”, Barreto mantinha um olhar de simpatia para com os trabalhadores – fossem eles os imigrantes pobres de origem europeia ou os descendentes dos povos africanos – todos juntos e retratados em uma imagem de cores fortes na crônica “O Trem dos Subúrbios”, de 1921, que faz parte do volume *Feiras e Mafuás*:

*A segunda classe dos nossos vagões de trens de subúrbios não é assim tão homogênea. (...)*

*Porém, a indumentária variiegada merecia que um lápis hábil a registrasse. Aquelas crioulas e mulatas inteiramente de branco, branco vestido, meias, sapatos, ao lado de portugueses ainda com restos de vestuários da terra natal; os uniformes de cáqui de várias corporações; os em mangas de camisas e algum exótico jaquetão de inverno europeu, acompanhado do indefectível cachimbo – tudo isso forma um conjunto digno de um lápis ou de um pincel. (BARRETO, 1921/1961: 241-242)*

Frente às posições hegemônicas acerca das questões internacionais, nacionais ou locais que atravessaram seu tempo, Lima Barreto trilhou, com paixão e risco, o caminho menos fácil da análise crítica através de uma “narratividade delinqüente”. (DE CERTEAU, 1994: 217). Ao expandir o campo de análise, dessa maneira, Barreto buscou, ao refletir sobre as questões fundamentais da identidade brasileira, de imigrantes, de diferentes raças, pensar a “questão do outro” (TODOROV, 1999: 299-303) no contexto político duríssimo do “entreguerras”. Enquanto passageiros de um mesmo vagão de

segunda classe de um trem suburbano, “negros, mestiços e estrangeiros pobres tornaram-se companheiros de uma mesma aventura” (MENEZES,1996: 45), a de lutar por direitos na nova ordem republicana.

Na crônica “Palavras de um **Snob** Anarquista”, publicada originalmente em 1913 no periódico *A Voz do Trabalhador*, e integrante do volume *Feiras e Mafuás*, Lima Barreto voltou ao século XVI em busca de argumentos historicamente fundamentados para debater o anarquismo, uma das questões da modernidade republicana:

*Agora vejam este trecho do velho Frei Vicente do Salvador, quando trata, na sua História do Brasil, dos casamentos e criação dos filhos entre o gentio do Brasil: “Não é fácil imaginar, maiormente entre os principais que têm muitas mulheres, qual seja a verdadeira e legítima, porque nenhum contrato exprimem, e facilmente deixam umas e tomam outras, mas, etc.”*

*No meio dos selvagens que tinham sobre a família idéias e concepções diferentes das suas, o aventureiro português tem da mesma criação social as noções de um homem cuja mentalidade foi sujeita à disciplina da igreja católica e dos seus institutos; e como tal se comporta durante vinte e cinco anos num meio intrinsecamente desfavorável. (BARRETO,1913/1961:215)*

Observamos que Lima Barreto foi buscar na história colonial brasileira os primeiros relatos sobre as visões das culturas dos povos indígenas segundo o ponto de vista dos conquistadores portugueses, na condição de representantes da “civilização” da Europa ocidental nas terras do “novo mundo”. Personificada no encontro entre o “aventureiro português” e o “selvagem” na citação, essa imagem explicitou outros argumentos, para mostrar que a atitude de “assimilação do outro” pelo filtro das próprias idéias e concepções resultava em leituras equivocadas da cultura do outro:

*Quando no século XVI, as primeiras naus portuguesas trouxeram para o Brasil conquistadores, guerreiros, padres e aventureiros, trouxeram também com eles as suas idéias de propriedade, de honra, de casta, de pátria, de rei e de Deus; e nunca mais os que ficaram deixaram de receber de lá essas idéias ou as modificações que elas foram sofrendo. Não houve, portanto, uma diferenciação de civilização, nas suas bases primordiais. (BARRETO 1913/1961:214)*

Segundo a interpretação que fazemos do discurso barretiano, como não houve uma “diferenciação de civilização” entre o Brasil e a Europa ocidental, então, o movimento anarquista poderia ser assumido “desinteressadamente” por brasileiros ou imigrantes, na medida em que as “condições (...) da civilização do Brasil” também o garantiam.

Barreto usou o espaço da crônica, publicada no calor das manifestações operárias pelo dia 1º de maio e no mesmo ano da realização do II Congresso Operário Brasileiro, organizado pelos anarquistas (GOMES,2002:500), para escrever suas

“palavras”. Identificando-se como “um **Snob** Anarquista”, combateu o posicionamento hegemônico de que os anarquistas eram os outros, ou seja, os imigrantes:

*As condições, portanto, da civilização do Brasil, quer as econômicas, quer as morais, quer as de território, justificam que haja quem desinteressadamente, brasileiro ou não, seja anarquista. Se a de lá está carunchosa, a de aqui também; uma é tão antiga quanto a outra; e convém lembrar também que é inútil nesta questão indagar-se se se é ou não de tal país, quando os jornalistas não se indagam deles mesmos se são ou não brasileiros, para se fazerem pinheiristas ou dantistas. (BARRETO,1913/1961:218)*

Na passagem, os “pinheiristas” representavam os membros ou simpatizantes do PRC, o Partido Republicano Conservador, “idealizado pelo senador gaúcho Pinheiro Machado para dar sustentação política ao Presidente da República Hermes da Fonseca (1910-1914)” (GOMES,2002:72); como efeito de sentido da comparação, Lima Barreto aproveitou para criticar “os jornalistas”, que, segundo suas palavras, opinavam irrefletidamente e assumiam posturas conservadoras acerca dos grandes temas nacionais.

Na crônica “São Paulo e os estrangeiros”, de 1917, publicada no volume *Bagatelas*, Barreto contestou o posicionamento governamental em relação à questão da imigração destinada à lavoura cafeeira:

*Os governantes do Estado [de São Paulo], que influíam quase soberanamente nas decisões da União, deixaram de fazer a tal propaganda do Estado no estrangeiro, mas aumentaram a polícia, para a qual adquiriram instrutores e mortíferas metralhadoras e deram em excomungar os estrangeiros a que chamam de anarquistas, de inimigos da ordem social, esquecidos de que andavam antes a proclamar que a elegância da sua capital, os seus lambrequins, as suas fanfrelhiches eram devidas a eles, sobretudo aos italianos. A influência dos estrangeiros, diziam, fez de São Paulo a única coisa decente do Brasil.(BARRETO,1917/1961:54)*

Para aprofundar sua crítica às posturas dos governos federal e estadual paulista no trato com os imigrantes pobres, o cronista apontou a mudança na política, que passou a “excomungar os estrangeiros” após a queda do comércio do café e os conseqüentes movimentos de protesto dos trabalhadores imigrantes, que haviam sido atraídos “em chusma” pela promessa de “abastança” garantida pela propaganda oficial.

Nas ruas, nas calçadas, nos terraços, nas mesas dos cafés da moderna Avenida Central, ícone maior da nova cidade-capital, os “sem esperança” como Lima Barreto teimavam em permanecer e ocupar um espaço que se modificava e se especializava, como bem demonstrava a moda em geral e o vestuário feminino em particular. No levantamento de imagens que refletissem as referências e tendências da moda naquele

espaço-tempo do Rio de Janeiro das primeiras décadas da República, entendemos a moda como um “sintoma” da modernidade (BAUDELAIRE,1996:25) que se impunha.

Através da análise das mudanças nos costumes imposta pela nova ordem da modernidade republicana, a distinção entre o espaço restrito dos interiores dos “bailes e teatros” e o espaço da rua foi registrada por Lima Barreto na crônica “Modas Femininas e Outras”, originalmente publicada na *Careta* de 13-9-1919, e posteriormente integrando o volume *Vida Urbana*: “Eu não sei quando eles [os cronistas] têm razão, se é quando estimam as mulheres ultradecotadas nos grandes bailes e teatros, ou se é quando acham isto indecente no meio da rua.” (BARRETO,1919/1956:176). Pelo comentário irônico, podemos concluir que a censura ao vestuário feminino, portanto às mulheres, era exercida com mais severidade no espaço público da rua.

Para além da questão da moda feminina, observamos que Lima Barreto buscou refletir sobre a situação das mulheres frente às mudanças que estavam em curso na sociedade de seu tempo: “Uma tarde no Café Papagaio, vendo passar pela Rua Gonçalves Dias afora, de baixo para cima, de um lado para outro, grandes mulheres estrangeiras, cheias de jóias, com espantosos chapéus de altas plumas, ao jeito de velas enfunadas ao vento...” (BARRETO,1962:103). Frequentemente citada nos textos de historiadores, a imagem dos “espantosos chapéus de altas plumas” associada às “velas enfunadas” das caravelas que trouxeram para as terras da futura nação brasileira os primeiros colonizadores portugueses produziu uma bela metáfora com base na nossa História, introduzindo no cenário da moda a questão da submissão a orientações e concepções estrangeiras. Destacamos a localização do centro da moda carioca, situado junto “à avenida e à Rua do Ouvidor”, tendo a vizinha Rua Gonçalves Dias como o endereço da famosa Confeitaria Colombo. Observamos ainda a imagem das “grandes mulheres estrangeiras” como as portadoras das novidades que não cessavam de chegar, vindas principalmente de Paris, o centro mundial da moda na *Belle Époque*.

A imitação da moda europeia obrigava as mulheres no “Rio-Paris barato” a sacrifícios como o de se ultradecotarem em “dias frios e úmidos” (BARRETO,1920/1956:235). Ao criticar a inadequação do vestuário em função do clima na cidade, Barreto estava apontando para a necessidade de reconhecimento das muitas diferenças que distinguem o Rio de Paris, como as climáticas, por exemplo.

Entretanto, o significado mais importante era o de que um passeio de “senhoras” abundantemente decotadas pelas ruas elegantes da cidade colocava à prova os costumes, trazendo embaraços, obrigando a mudanças, criando novas práticas e representações.

Ainda fazendo uso do processo discursivo irônico, Lima Barreto sugeriu na mesma crônica, “Modas Femininas e Outras”, a nomeação de uma comissão, constituída por “sacerdotes e sacerdotisas de todas as religiões, inclusive a de Vênus, estetas acadêmicos ou não, membros da Liga pela Moralidade, da Defesa Nacional e Nacionalista e, mais ainda, alguns negociantes de fazendas, fitas e bugingangas”. Essa “Comissão de Modas Femininas”, após conseguir se entender e concluir seu trabalho, apresentaria um projeto ao “Parlamento Nacional” com os critérios que serviriam de base para definir “os comprimentos dos saíotes e dos decotes, fixando o que podia ser visto ou não”. Na composição da comissão, Barreto incluiu alguns dos segmentos mais conservadores da sociedade, explicitando as tensões permanentes entre moda e costumes. Emergem, no debate, certas marcas de alteridades e algumas afirmações de identidades que a presença crescente de imigrantes torna mais visíveis.

O desejo de acompanhar mais de perto a moda era atribuído às mulheres, enquanto os homens olhavam e, quando conseguiam, registravam suas impressões, como fez Lima Barreto ao refletir sobre as qualidades que a mulher brasileira deveria ter para ser merecedora de brindes e gabos feitos por “oradores de sobremesa” em “festins familiares”. As perguntas retóricas “Haverá mesmo razão para tantos gabos? Os oradores terão razão?” (BARRETO,1911/1956:49) orientaram a análise de Barreto em “A Mulher Brasileira”, crônica publicada originalmente na *Gazeta da Tarde*, e que faz parte do volume *Vida Urbana*:

*Lendo há dias as Memórias, de Mme d'Épinay, tive ocasião de mais uma vez constatar a floração de mulheres superiores naquele extraordinário século XVIII francês.*

*Não é preciso ir além dele para verificar a grande influência que a mulher francesa tem tido na marcha das idéias de sua pátria. (...)*

*E foi por ler Mme d'Épinay e recordar outras leituras, que me veio pensar nos calorosos elogios dos oradores de sobremesas à mulher brasileira. Onde é que se viram no Brasil, essa influência, esse apoio, essa animação das mulheres aos seus homens superiores?*

*É raro; e todos que o foram, não tiveram com suas esposas, com suas irmãs, com suas mães, essa comunhão nas idéias e nos anseios, que tanto animam, que tantas vantagens trazem ao trabalho intelectual.(BARRETO,1911/1956:50)*

A sintonia das mulheres francesas com o “trabalho intelectual” desde, pelo menos, o período da Ilustração, sugeria, com pesar para o cronista, que a influência francesa não se fazia sentir no cenário mais nobre das “letras e artes” brasileiras:

*Como que adoça, como que tira as asperezas e as brutalidades, próprias ao nosso sexo, essa influência feminina nas letras e nas artes.*

*Entre nós, ela não se verifica e parece que aquilo que os nossos trabalhos intelectuais têm de descompasso, de falta de progressão e harmonia, de pobreza de uma alta compreensão da vida, de revolta clara e latente, de falta de serenidade vem daí. (...)*

*Como se sente bem a intimidade espiritual, perfeitamente espiritual, que há entre Balzac e a sua terna irmã, Laura Sanille, quando aquele lhe escreve, numa hora de dúvida angustiada dos seus tenebrosos anos de aprendizagem: “Laura, Laura, meus dois únicos desejos, ‘ser célebre e ser amado’, serão algum dia satisfeitos?” Há disso aqui? .(BARRETO,1911/1956:51)*

Segundo as palavras de Lima Barreto, a “intimidade espiritual, perfeitamente espiritual” entre Balzac e sua irmã Laura Sanille representava um modelo a ser seguido pelos “homens de inteligência” e pelas mulheres que os acompanhavam. Um outro exemplo francês foi acrescentado, para reforçar a tese de que as mulheres brasileiras, “até como mães”, não eram “digna[s] dos elogios dos oradores inflamados”:

*A sagacidade e agilidade de espírito fazem-lhes falta completamente para penetrar na alma dos filhos; as ternuras e os beijos são estranhos às almas de cada um. Sonho do filho não é percebido pela mãe; e ambos, separados, marcham no mundo ideal. Todas elas são como aquela de que fala Michelet: “Não se sabe o que tem esse menino”. ‘Minha Senhora, eu sei: ele nunca foi beijado.’ .(BARRETO,1911/1956:52)*

Nas famílias brasileiras, de acordo com Barreto, as relações entre mãe e filho caracterizavam-se pelo distanciamento físico, emocional mesmo, revelando que ambos “marcha[va]m no mundo ideal” e fugiam do real, sem enfrentarem os problemas circunstanciais do cotidiano. A seguir, Lima Barreto tornou mais concreto seu posicionamento, pela apresentação de uma imagem da diferença entre os comportamentos da mulher brasileira e das imigrantes nas ruas do Rio de Janeiro:

*Basta observar a maneira de se tratarem. Em geral, há jeitos cerimoniais, escolhas de frases, ocultações de pensamentos; o filho não se anima nunca a dizer francamente o que sofre ou o que deseja e a mãe não o provoca a dizer.*

*Sem sair daqui, na rua, no bonde, na barca, poderemos ver a maneira verdadeiramente familiar, íntima, sem morgue nem medo, com que as mães inglesas, francesas e portuguesas tratam os filhos e estas a elas. Não há sombra de timidez e de terror; não há o “senhora” respeitável; é “tu” e “você”.*

*As vantagens disso são evidentes. A criança habitua-se àquela confidente; faz-se homem e, nas crises morais e de consciência, tem onde vazar com confiança as suas dores, diminuí-las, portanto, afastá-las muito, porque dor confessada é já meia dor e tortura menos. A alegria de viver vem e o sorumbatismo, o mazombo, a melancolia, o pessimismo e a fuga do real vão-se.(BARRETO,1911/1956:52)*

A oposição entre os “jeitos cerimoniais” das mães brasileiras e “a maneira verdadeiramente familiar, íntima” das mães europeias colocava em desvantagem as crianças brasileiras, que cresciam sem “alegria de viver”, experimentando “o sorumbatismo, o mazombo, a melancolia, o pessimismo”.

Por último, trazemos do *corpus* documental no qual pesquisamos algumas imagens que configurem processos e experiências de imigração no espaço urbano carioca, “Uma Conversa”, texto publicado no volume *Histórias e Sonhos*, que utiliza a estratégia discursiva do diálogo entre dois amigos para focalizar a temática da beleza:

*[Zeca Magalhães] Pegou do copo e sorveu um segundo chope, enquanto eu via, numa mesa ao lado, um gordo alemão com um focinho de porco Yorkshire, acompanhado da mais linda alemã que foi dado aos olhos de um carioca, que nunca saiu da sua cidade natal, ver e contemplar.*

*- Zeca, disse eu, a meia voz, vê que alemã bonita.*

*Era disso mesmo que eu queria falar, fez ele descansando o copo.*

*- Da alemã?*

*- Relaciona-se. Eu estava no teatro... Foi há vinte anos, ou mais. Estava no teatro, no jardim, quando vi uma mulher. Que beleza era! Tinha uns olhos, um nariz! E que boca! (BARRETO, 1961:237)*

Na passagem, o olhar “de um carioca, que nunca saiu de sua cidade natal” descreveu fisicamente o alemão e a alemã, distinguindo os dois sexos pela beleza, apresentada como um atributo exclusivamente feminino. A imagem da “alemã bonita” trouxe de volta do passado de Zeca Magalhães, o amigo do narrador, um acontecimento que se atualizava como fenômeno que “não me [lhe] saiu da cabeça”. Em sua narrativa, Magalhães referiu-se à estranha experiência de ver duas imagens diferentes de uma mesma mulher, uma italiana, que encontrara em dois momentos distintos, com o intervalo de uma noite:

*Eu a tinha visto no teatro, em plena integridade dos meus sentidos; tinha analisado detalhadamente – como era então que a mulher que eu via, às oito horas da tarde, não era a mesma de quem me despedi às seis da manhã do dia seguinte? (...) Estava doido naquela noite! pensei. Rememorei o que fizera naquele dia e nos precedentes ao meu encontro com a tal italiana. Lembrei-me que tinha recebido umas estampas de grandes obras de escultura e, na sua contemplação, gastara horas seguidas de uma atenção absorvente. Estava aí a causa do erro! Sobre os seus traços verdadeiros, ou antes, os mais reais, eu tinha depositado a imagem anterior da grande beleza que me ficara do livro; e, quando de manhã, com a fadiga, etc., ela se esvaiu, ficou mais ou menos a mulher comum, fugindo por completo a idéia anterior com que eu a revestira. Daí concluí, não sem ligeireza, que essa nossa mania de beleza é um contágio dos delirantes sonhos de alguns homens, dados a loucuras de Arte, exacerbados com os delírios das tradições de antigas raças e sofrendo a tirania dos ideais belos; é que as nossas sensações são interpretadas pelo nosso entendimento, de acordo com as imagens de certos padrões que já estamos predispostos a recebê-las... (BARRETO, 1961:237)*

A partir da interpretação que fizemos das palavras de Lima Barreto, colhemos a evidência de que as imagens, quando contempladas demorada e atentamente, tinham o poder de se sobrepor aos “traços verdadeiros, ou antes, os mais reais” de alguém, trazendo a reflexão acerca da “tirania dos ideais belos”, que exigia a obediência a “certos padrões”, recebidos e “exacerbados com os delírios das tradições de antigas raças”. Caberia, portanto, desconfiar das próprias sensações para discernir com clareza e “sem ligeireza” os “delirantes sonhos” das práticas e suas representações. Não seria essa uma boa orientação para quem, como nós, trabalha com imagens na investigação de temáticas como “Deslocamentos e cidades: processos e experiências de (i)migração”? Através de seu modo ambulatório de deslocar-se a pé, de bonde ou de trem entre as regiões centrais e suburbanas da cidade do Rio de Janeiro, Lima Barreto soube recolher e incluir em suas crônicas um vasto conjunto de experiências cotidianas que vale a pena ser analisado. A portuguesa Gertrudes, o italiano Giuseppe e a frágil Adélia, uma “menina de estalagem” e filha de imigrantes pobres lá estão, contando suas histórias, fazendo a história de encontros e trocas vividos pelos imigrantes no Rio-Paris barato.

### **Bibliografia**

#### **a) Obras de Lima Barreto:**

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras de Lima Barreto*. Vol. IV: *Vida e Morte de M.J.Gonzaga* (Romance). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

\_\_\_\_\_. *Obras de Lima Barreto*. Vol. VI: *Histórias e sonhos* (Contos). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

\_\_\_\_\_. *Obras de Lima Barreto*. Vol. IX: *Bagatelas* (Artigos). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

\_\_\_\_\_. *Obras de Lima Barreto*. Vol. X: *Feiras e Mafuás* (Artigos e Crônicas). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

\_\_\_\_\_. *Obras de Lima Barreto*. Vol. XI: *Vida Urbana* (Artigos e Crônicas). São Paulo: ed. Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. *Obras de Lima Barreto*. Vol. XII: *Marginália* (Artigos e Crônicas). 2ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1962.

#### **b) Outros títulos:**

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. [Org. Teixeira Coelho]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Col. Leitura).

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. [Trad. Ephraim Ferreira Alves]. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GOMES, Angela de Castro, PANDOLFI, Dulce Chaves e ALBERTI, Verena (coord.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. [Trad. Mário Venício Barbosa, Maria Emília Amarante Torres Lima]. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis. Desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.

NORONHA SANTOS, Francisco Agenor de. *As freguesias do Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org.). *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRS, 2000.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. [Trad. Beatriz Perrone-Moisés]. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999..

FREITAS, Celi Silva Gomes de. *Troça e campanha no discurso de Lima Barreto: imagens urbanas das relações sociais de sexo no Rio de Janeiro da virada do novecentos*. Rio de Janeiro, RJ, 2008. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).